



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

BIBLIOTERAPIA:
Experiência no contexto da evangelização espírita

Brasília

2015

Maria Helena Souza da Silva

BIBLIOTERAPIA:
Experiência no contexto da evangelização espírita

Monografia apresentada como pré- requisito
para obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da
Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Kelley Cristine
Gonçalves Dias Gasque

Brasília

2015

S586b Silva, Maria Helena Souza da. 1992-
Biblioterapia: experiência no contexto da
evangelização / Maria Helena Souza da Silva. – Brasília: UnB,
2015.

76 f.: il. color.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) –
Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação,
Brasília, 2015.

Orientadora: Prof^a Dr^a Kelley Cristine Gonçalves Dias
Gasque.

1. Biblioterapia. 2. Evangelização Espírita. 3. Leitura.
4. Formação da criança. I. Título.



Título: Biblioterapia: Experiência no contexto da evangelização espírita.

Aluna: Maria Helena Souza da Silva

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 28 de maio de 2015.

Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Fernanda de Souza Monteiro – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Mariana Giuberti Guedes Greenhalgh – Membro externo
Bibliotecária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Mestre em Ciência da informação

*À minha mãe que sempre esteve ao meu lado,
dando todo apoio, fazendo do meu sonho
realidade e às crianças da Escola de
Evangelização Francisco de Assis que foram a
fonte de inspiração e motivação.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela saúde e oportunidade concedida para a realização deste sonho, por ter me possibilitado estar firme durante toda essa trajetória.

A minha mãe, pelo amor, educação, dedicação, carinho, esforço, compreensão e maior exemplo de mulher, mãe e pai, que tanto fez e faz por mim, pensando no meu futuro. Por acreditar nos meus sonhos, sempre me apoiar e por ter feito todo possível para que me tornasse a pessoa que sou hoje.

A minha família, em especial a minha avó paterna Maria e meu avô materno Satiro (*in memorian*), ao meu pai, meus tios, primos, irmãos e minha sobrinha Nicolly por fazerem parte da minha história, pelo apoio e carinho.

Ao meu eterno e melhor companheiro de curso Elton Mártires, que nunca hesitou em me ajudar e estar ao meu lado, por todo apoio, companheirismo, paciência e amor. Por todos os momentos especiais, pelas alegrias e principalmente por estarmos juntos nos momentos de dificuldade, sem você talvez eu não tivesse conseguido, nesses anos você se tornou uma das pessoas mais importantes da minha vida.

As minhas amigas irmãs Sued, Nadine e Alessandra por estarem sempre ao meu lado, pelo companheirismo, incentivo e compreensão e com inúmeros conselhos contribuíram para minha vida. Aos “amigos de infância” que também se fizeram presentes em minha vida e ao Jeverson Farias que apesar da distância sempre demonstrou ser um grande companheiro. Agradeço a todos aqueles que estiveram ao meu lado, proporcionando inenarráveis momentos de imensa alegria.

Aos colegas de graduação Priscila Rodrigues, Fernanda Maciel, Fernanda Diogo, Jaqueline Rodrigues, Inês, Sandney e todos aqueles com quem convivi, pelos diversos momentos de alegria e diversão e por estarem presentes nos momentos de descobertas.

A minha madrinha Marília Burle e seus familiares, principalmente seu filho Artur Burle, a Denise Hebling e Paulo Camargo por terem me incentivado, aconselhado e contribuído para a realização da minha graduação.

As amigas da minha mãe Jesus e Ana Maria, que sempre participaram e fazem parte dessa conquista.

Ao Centro Espirita Campos da Paz e seus mentores amigos que sempre estive de porta abertas acolhendo a todos, aos amigos da Evangelização que fizeram parte de todo o processo e principalmente as crianças que a cada sábado renovaram minhas energias, com seus gestos singelos de pureza, me deram forças para seguir perante as dificuldades.

Aos meus colegas espíritas, Taynara, Camila, Gabriela, Emanuela, Marina, Lucas Thiago e Mônica, que também estiveram ao meu lado e ao Júlio César que me apresentou o curso de graduação em Biblioteconomia, sendo parte da escolha que mudou minha vida.

A Doutrina Espírita, por ser um divisor de águas em minha vida, me faz a cada dia querer ser uma pessoa melhor.

A minha orientadora e incentivadora Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque, pela paciência, compreensão e orientação no presente trabalho.

A todos os professores em especial a Simone Bastos, Rita Caribé e Ilza Leite (*in memoriam*) da Faculdade de Ciência da Informação por terem compartilhado seus conhecimentos com tanta dedicação e empenho e ao Reginaldo Olegário que sempre foi muito prestativo e disposto a auxiliar todos os alunos.

Aos supervisores e chefes Madalena de Abreu, Cida Moura, Lucia Lemme, Jacqueline Moretti, José Ronaldo, Ioia Uema, Vera Manzke, Tatyane, Murilo Santana, Gabriela Manke, Priscila e a colega de estágio Jaqueline Martins por fazerem das experiências práticas das aulas teóricas as melhores possíveis, tornando momentos de obrigação um prazer.

Enfim, a todos aqueles que se fizeram presentes nessa etapa tão importante da minha vida. Obrigado!

*“Porque não amparar, ainda hoje, aqueles
que serão, amanhã, os orientadores do
mundo?”*

Meimei

RESUMO

Analisa experiência da biblioterapia no contexto da evangelização espírita, considerando a importância do papel social do bibliotecário e dos efeitos e objetivos da evangelização, que juntas podem contribuir para a formação dos indivíduos. A pesquisa constitui-se um estudo de caso de abordagem qualitativa, com a aplicação de plano biblioterapêutico com crianças de 5 e 6 anos inseridas no contexto da evangelização no Centro Espírita Campos da Paz. Os instrumentos de coleta de dados foram as observações, depoimentos informais e desenhos produzidos pelas crianças. Além disso, houve aplicação de questionário aos pais. Os resultados mostram que a biblioterapia contribui no processo de evangelização, que está ligado à formação do ser.

Palavras-chave: Biblioterapia. Evangelização Espírita. Leitura. Formação da criança.

ABSTRACT

Analyzes experience of bibliotherapy in the context of evangelization mind, considering the importance of the social role of the librarian and the effects and evangelism objectives, which together can contribute to the formation of individuals. The research is a case study of qualitative approach , with the application of the library plan with children 5 and 6 years , within the context of evangelization in the Spiritual Center Fields of Peace. The data collection instruments were the observations , informal interviews and drawings produced by children. Additionally, there was application of a questionnaire to parents. The results show that the process contributes to bibliotherapy evangelization which is to be connected to the formation .

Keywords: Bibliotherapy. Spiritist Evangelization. Reading. Child training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Allan Kardec	25
Figura 2 - Francisco Cândido Xavier.....	27
Figura 3 - Biblioterapia e a percepção objetiva e subjetiva.....	30
Figura 4 - Componentes da biblioterapia	31
Figura 5 - Centro Espírita Campos da Paz	41
Figura 6 - Modelo de dobradura de casa	72
Figura 7 - Dinâmica com o urso	50
Figura 8 - Crianças tomando sopa.....	50
Figura 9 - Dinâmica do emociometro	52
Figura 10 - Representação do Planeta triste.....	52
Figura 11 - Crianças desenhando.....	53
Figura 12 - Desenho feito por uma das crianças	53
Figura 13 - Grupo de crianças do Jardim de infância 20 de março de 2015..	54
Figura 14 - Grupo de crianças do Jardim de infância 04 de abril de 2015.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atributos da biblioterapia.....	32
Quadro 2 - Estrutura do Currículo para Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil	38
Quadro 3 - Quadro de benefícios da Biblioterapia	58

LISTA DE ABREVIATURAS

CECAP	Centro Espírita Campos da Paz
CEMA	Centro Espírita Maria Madalena
DIJ	Departamento de Infância e Juventude
ESDE	Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita
FEB	Federação Espírita Brasileira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 OBJETIVOS.....	17
2.1 <i>Objetivo geral</i>	17
2.2 <i>Objetivos específicos</i>	17
3 JUSTIFICATIVA	18
4 REVISÃO DA LITERATURA	20
4.1 <i>Evangelização</i>	20
4.1.1 <i>O conceito</i>	20
4.1.2 <i>Surgimento da evangelização</i>	21
4.1.3 <i>Objetivos da evangelização</i>	22
4.2 <i>Evangelização no espiritismo</i>	24
4.2.1 <i>Espiritismo</i>	24
4.2.2 <i>Objetivo da Evangelização no espiritismo</i>	28
4.3 <i>Biblioterapia</i>	29
4.3.1 <i>Surgimento da biblioterapia e benefícios</i>	32
4.3.2 <i>Práticas/Estratégias e avaliação da biblioterapia</i>	35
5 METODOLOGIA	38
5.1 <i>Universo de pesquisa</i>	38
5.1.1 <i>Evangelização Espírita Infanto-juvenil</i>	38
5.1.2 <i>Escola de Evangelização Francisco de Assis</i>	40
5.2 <i>Amostra</i>	42
5.3 <i>Abordagem qualitativa</i>	42
5.4 <i>Realização do Estudo de caso</i>	42
5.5 <i>Instrumentos para coleta de dados</i>	43
5.6 <i>Programa</i>	43
5.6.1 <i>Aula Inicial</i>	44
5.6.2 <i>Segunda aula</i>	45
5.6.3 <i>Terceira aula</i>	46
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	48
6.1 <i>Descrição</i>	48

6.1.1 <i>Aula Inicial</i>	48
6.1.2 <i>Segunda Aula</i>	51
6.1.3 <i>Terceira Aula</i>	55
6.2 <i>Análise das aulas</i>	57
6.3 <i>Análise do questionário</i>	59
7 CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	65
OBRAS CONSULTADAS	68
ANEXO A - Era uma vez o Eu, o Tu e o Ele	69
ANEXO B - É o fim do mundo?	70
ANEXO C - Vila Feliz	72
ANEXO D - É amor ou não é?	73
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	75

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da relação entre a biblioterapia e a evangelização. A evangelização vem sofrendo mudanças e adaptações com o tempo. Atualmente, no espiritismo, a evangelização apresenta-se de fundamental importância para o desenvolvimento da moral das crianças e jovens integrados à atividade. A intenção é formar cidadãos que prezem pela moral e por uma boa convivência. O trabalho é totalmente voluntário, voltado para o estudo da doutrina espírita, a atividade abrange um momento especial de convivência e aprendizado, onde são feitas reflexões, e ainda o compartilhamento de experiências entre as crianças e os jovens frequentadores.

A formação de jovens envolve um processo da infância à adolescência, dado que a sociedade encontra-se em constante mudança e os índices de violência, por exemplo, aumentam a cada dia; os pais de famílias permanecem longo período longe de casa, em decorrência do trabalho e compromissos dentre outros. Essas questões impactam a vida das crianças e, especialmente dos jovens, pois, é na fase da adolescência que o ser se depara com um mundo a ser conhecido, e nesse momento, as escolhas serão feitas de acordo com a moral, os ensinamentos e exemplos já conhecidos e aprendidos.

A biblioterapia, prática bastante antiga, usada pela medicina para cura de pacientes, aos poucos tem se popularizado no Brasil. Essa prática é usada também como incentivo à leitura, instigando crianças e adolescentes ao gosto e ao prazer que a leitura proporciona. O caráter terapêutico pode auxiliar o leitor a superar conflitos consigo mesmo e com o mundo, a leitura possibilita a relação com o livro e a identificação com a história resulta na compreensão do texto e de si próprio o que permite a mudança de comportamento em relação aos problemas enfrentados. A biblioterapia assim como a evangelização pode criar valores, elevar o potencial crítico do ser e o interesse no campo do saber.

Considerando os efeitos terapêuticos, o estímulo à leitura e, principalmente o papel social que o bibliotecário deve ter, a biblioterapia apresenta-se como nova possibilidade de trabalho para os bibliotecários. Nota-se a importância de um profissional, que além de disseminador da informação, estimule o gosto pela leitura em crianças e adolescentes, e que perceba a biblioterapia como um campo de

auxílio aos indivíduos para os ajudarem a superar conflitos emocionais. A motivação para esse estudo partiu da junção da biblioterapia no contexto da evangelização, com o objetivo de compreender como tais processos podem contribuir na formação da criança.

Essa pesquisa está estruturada em duas partes. A primeira contém a revisão de literatura, que apresenta estudos de livros, artigos, revistas científicas, teses e dissertações para fundamentar teoricamente o estudo de caso. A revisão aborda os principais temas tratados na pesquisa, quais sejam: evangelização, evangelização espírita e biblioterapia. A segunda parte diz respeito a metodologia e aos recursos usados para o estudo de caso realizado na Escola de Evangelização Francisco de Assis.

2 OBJETIVOS

2.1 *Objetivo geral*

Compreender como a biblioterapia contribui no contexto da evangelização espírita.

2.2 *Objetivos específicos*

- Elaborar um programa de biblioterapia voltado para crianças de 5 e 6 anos no contexto da evangelização.
- Aplicar o programa de biblioterapia na Escola de Evangelização Francisco de Assis.
- Analisar os resultados da implantação do programa de biblioterapia.

3 JUSTIFICATIVA

A pesquisa justifica-se pelas contribuições que a evangelização espírita propicia, por exemplo, a inclusão ao convívio principalmente das crianças participantes das atividades de evangelização, bem como as possibilidades proporcionadas pela biblioterapia, como o gosto pela leitura e a possibilidade de discussão de questões importantes para o desenvolvimento moral e ético.

A evangelização espírita, mais do que nunca tem mostrado contribuições por possibilitar o desenvolvimento do ser como cidadão, não só com as diretrizes da doutrina espírita, mas também como base de boa conduta para boa convivência consigo e com o próximo. Ruiz (2002) explica que a maior finalidade da evangelização espírita consiste em levar às novas gerações o Evangelho de Jesus, interpretado pela Doutrina Espírita. A partir desses ensinamentos ocorre a integração do evangelizando consigo mesmo, com o próximo e com Deus.

A biblioterapia, por sua vez, traz muitos benefícios, tais como:

(...) reduz o nível de resistência por parte do paciente das intervenções do terapeuta, tornando mais ágil o processo de mudança; identifica a ideia e a direção da mudança com uma imagem que permanece no indivíduo, tornando-se um novo recurso para o paciente; oferece novos modelos de flexibilidade, indicando outras possíveis repostas diante de situações similares vividas pelo paciente; promove a independência do paciente, assegurando sua participação no processo terapêutico ao inferir, descobrir ou concluir a mensagem do texto, chegando às suas próprias conclusões, e não às interpretações do terapeuta (PINTOS 1999, p. 25-26 *apud* HASSE 2004, p. 58).

No que concerne aos bibliotecários, é importante ressaltar o papel social, em especial nesse processo. Vieira (1983) destaca o profissional da informação como agente social, envolvido diretamente no desenvolvimento da comunidade, no revigoramento da cultura e da melhoria da qualidade de vida. Ressalta ainda a biblioteca como espaço do povo pela dinamicidade e vivacidade.

Assim, a atuação dos bibliotecários e as possibilidades de benefícios resultantes da biblioterapia pode proporcionar melhoria não só no estado emocional, como na convivência do ser com outras pessoas.

No que concerne à população estudada, crianças de 5 e 6 anos, no contexto da evangelização, verifica-se a possibilidade, segundo Simões (2000), de desenvolver a importância cultural e valores sociais. Além disso, as histórias podem

oferecer a criação de um universo ficcional, pois ao ouvi-las, as crianças sofrem um impacto e a fascinação se torna comum independente de raça, idade e condições físicas.

Simões (2000) ainda explica que os desenhos e as narrativas são recursos para dominar as emoções. Nesse caso, a criança deve conseguir alimentar o imaginário e expressá-lo por meio de textos, imagens e sons como forma de sustentá-lo.

4 REVISÃO DA LITERATURA

O presente capítulo tem a finalidade de apresentar os conceitos e os fatos históricos que dizem respeito à evangelização, o início e objetivos da época em que se iniciou a prática de evangelizar na América Latina e no Brasil. Discorre também sobre a evangelização espírita, contexto do estudo, aspectos e objetivos. Posteriormente, finaliza o capítulo com abordagem sobre o conceito de biblioterapia, surgimento, benefícios e as formas de aplicação e avaliação.

4.1 *Evangelização*

4.1.1 *O conceito*

A palavra deriva do grego *koiné*, significa “boas novas”. Catão (1990) explica que a evangelização objetiva o anúncio da boa nova, isto é, a continuação do anúncio e dos ensinamentos de Jesus. Segundo Vieira (1938), os primeiros missionários foram os três Reis Magos, que foram à Belém anunciando a “boa nova” prevista nas profecias por onde passavam: o nascimento do Cristo. De acordo com os registros relatados da época, os Reis Magos demonstravam gestos de extrema humildade, destacando a grandeza que havia naquela criança.

O primeiro ato de evangelização, na época entendido por missão, foi imposta por Jesus, quando ordenou aos doze apóstolos que fossem pregar a palavra de Deus, transmitindo os ensinamentos e a mensagem da fé cristã.

Catão (1990, p.65) afirma que:

[...] a evangelização tem como ponto de partida a compreensão do alcance salvador desses desejos e dessas lutas, compreensão que só pode ser adquirida passo a passo, pela identificação progressiva com a maneira de ver, sentir e agir do evangelizando.

A evangelização envolve a manifestação de sentimentos interiorizados que reflete na vida do evangelizando de diferentes formas, transformando comportamentos. Catão (1990) explica que a transformação da humanidade é o que renova a humanidade e isso independe de religião.

Atualmente, a evangelização diferente do que era, põe em conflito as ideias da igreja e do mundo, principalmente com o surgimento de diferentes religiões com preceitos que em algumas questões se opõem ao cristianismo. Com a modernidade e os avanços tecnológicos, Catão (1990, p. 3) questiona se “o indivíduo faz o mundo

em que vive ou é feito por ele?”. Tal questionamento ocorre pelo simples fato do mundo influenciar no comportamento do indivíduo desde a infância, como se vestir, como falar, o que fazer e como fazer determinadas coisas. Diante do fato, o tradicionalismo faz com que o indivíduo possa se opor ao mundo moderno e que as atitudes possam influenciar o mundo e não ao contrário. Assim, a ação evangelizadora, contesta a prática libertadora, Catão (1990, p. 3) ainda afirma que “a partir da qual deve ser pensada e orientada a ação da Igreja”.

4.1.2 Surgimento da evangelização

A evangelização da América Latina, segundo Freitas (1990), teve início no século XVI, com a comercialização, descobrimentos e conquistas da África, Ásia e da América. Na época, a igreja era responsável pelo projeto ibérico. A monarquia hispânica e lusitana detiam o poder das terras que haviam sido descobertas e as que ainda seriam. Em troca, os reis deviam converter os povos submetendo-os à fé cristã. Na época, a coroa tinha a necessidade de reunir religiosos, assim a expansão do império e o cristianismo seguia dominando os povos.

No Brasil, para que houvesse a dominação dos habitantes era preciso inserir valores culturais dentro dos padrões considerados adequados para a colonização. Gonzales (1988) explica que a Igreja e o Estado, nesse momento de colonização, eram membros inseparáveis, em que os colonos eram responsáveis pelos negócios e os religiosos pelas missões. Os colonos ensinaram aos nativos uma religião e ofereceram “diversão” para que houvesse distração e não fosse percebida a dominação que ali existia. Os religiosos tinham papel fundamental na conquista dos povos, apesar da “liberdade”, muitas vezes, forjada com o controle de bens materiais, cobrança de dízimo, etc.

Segundo Bittar e Ferreira Júnior (2000), com a chegada dos primeiros padres ao Brasil que deviam converter os negros e os índios à fé cristã, em 1549, ocorreu a dissociação dos colonos e os religiosos. A conversão ao cristianismo, nesse momento, enfrentou dificuldades em catequizar os adultos que traziam elementos culturais da sociedade, por isso não queriam renunciar a própria cultura para aderir aos novos preceitos religiosos. Bittar e Ferreira Júnior (2000) explicam que os padres tinham interesse em “conquistar a alma das crianças”, pois assim, elas chamariam a atenção dos pais, condenando o que era julgado como mau costume.

Para atração das crianças, usaram primeiro a aproximação e, depois, a aculturação quando introduziram novos padrões culturais, além disso, os índios tinham interesse em entregar os filhos aos padres, que por sua vez, usavam argumentos que punham em dúvida a integridade dos pais e dos mais velhos, que, em geral, traziam enraizadas as tradições de uma cultura que divergia do cristianismo. As crianças, de certa forma, influenciavam os adultos que não eram respectivos às ideias implantadas pelos missionários.

Os portugueses consideraram os índios inocentes na primeira impressão que tiveram. Como disseram Bittar e Ferreira Júnior (2000, p. 454) no trecho: “em terras do Novo Mundo, além de pretenderem “salvar a alma” desses seres inocentes”. Contudo, os índios ao reagirem à exploração foram vistos como selvagens, visto que para que a colonização fosse realizada antes de convertê-los, seria mais útil escravizá-los. Os confrontos se deram a partir das divergências, pois os índios viviam em uma sociedade solidária e a realidade que lhe era imposta pelos europeus era uma sociedade baseada em lucros através da exploração dos homens.

4.1.3 *Objetivos da evangelização*

O principal objetivo da evangelização, segundo Freitas (1990, p. 14), “era a necessidade de se estabelecer na América um território sob o domínio dos Monarcas ibéricos como condição fundamental para a implantação da fé católica” Nesse caso, uma coisa dependia da outra, para que houvesse a implantação era necessário ter o domínio do povo e esse domínio decorria da incorporação do cristianismo, com o poder de persuasão no cotidiano dos indígenas. Os militares deveriam ocupar as terras, consideradas como conquista material.

Freitas (1990) ressalta algumas ambiguidades do projeto histórico da conquista evangelizadora, são elas:

- A instauração de um “estado-missionário”:

Tratava-se de doação política, que estabelecia as bases do estado missionário, através de documento papal. Posteriormente, confirmava os poderes de controle da evangelização missionária e da vida da igreja na América.

- A figura do evangelizador-funcionário real:

Com a vinda do estado missionário, surge a figura do missionário, funcionário real e evangelizador, com a função de pregar o evangelho para a sociedade, essencialmente converter os indígenas e incorporá-los a igreja católica e aos reinos ibéricos.

- O grande conflito: evangelização e política:

Alguns historiadores afirmam que a maioria dos missionários da época tinha opção clara pela prioridade da evangelização missionária, assim se colocavam no papel de defensores dos indígenas.

A ação missionária devia converter e doutrinar para que a fé fizesse parte da cultura em que estaria sendo implantada. Freitas (1990, p. 20) destaca que o batismo, seguido da doutrinação, visava “inculcar verdades a serem cridas, ensinar virtudes a serem praticadas e administrar sacramentos a serem recebidos”.

Comblin (1990) afirma que a evangelização foi um projeto tradicionalista pelos costumes e estruturas, que sedimentara a igreja. Nesse sentido, ela teve como desafio desvincular a antiga cristandade, elaborando uma renovação para uma nova evangelização. Assim, na modernidade, a evangelização ganha novo significado.

Evangelizar possui o sentido, de acordo com Comblin (1990, p.40), de:

mostrar as ilusões da modernidade e as falsas soluções que oferece, e conduzir os antigos povos cristãos a redescobrirem os valores da tradição, da qual se deixaram desviar, consciente ou inconscientemente, por falsos pastores e falsos profetas.

Teólogos católicos difundiam e defendiam verdades próprias, que pela maioria não eram consideradas cristãs, gerando instabilidade e conflito de ideias do que era correto ou não.

Segundo Comblin (1990, p. 40), a nova evangelização tornou-se mais tradicional estruturada pela cristandade e para obter a eficácia dependiam de três principais instrumentos, são eles:

- Novo catecismo universal;
- Fixação da liturgia nas formas atuais, excluindo os experimentos e rejeitando as solicitações que procedem da diversidade cultural;
- Retorno à disciplina canônica rígida da qual o novo código é o instrumento.

Esses instrumentos seriam usados por pessoas capacitadas para a eficácia do projeto da nova evangelização, distinta da que foi introduzida anteriormente no meio indígena.

4.2 *Evangelização no espiritismo*

4.2.1 *Espiritismo*

O começo do movimento espírita foi datado pelos primeiros estudiosos ingleses e americanos em 31 de março de 1848, explica Doyle (1960), porém essa data é contestada por reconhecerem que não é possível estabelecer uma data fixa, dado que desde muito tempo já ocorriam as chamadas manifestações mediúnicas que não eram reconhecidas.

Doyle (1960, p. 449) cita o espiritismo como:

[...] Sistema de pensamentos e de conhecimento que se pode conciliar com qualquer religião. Os fatos básicos são a continuidade da personalidade e o poder de comunicação após a morte. Estes dois fatos básicos são de tão grande importância para um brâmane, um maometano ou um parse, quanto para um cristão [...]

Não se pode falar de espiritismo, sem antes citar Allan Kardec (Figura 1), cujo nome real era Hippolyte Léon Denizard Rivail. Ele nasceu em 03 de outubro, de 1804, em Lion, na França. Foi educado na escola Pestalozzi, tornou-se um grande estudioso, professor e autor pedagógico de renome. Com o pseudônimo de Allan Kardec foi reconhecido como codificador da Doutrina Espírita (SAUSSE, 1997).

Figura 1 - Allan Kardec



Fonte: Site À luz da Seara¹

Sausse (1997), na biografia de Allan Kardec, faz uma síntese das obras básicas da Doutrina Espírita, relatando que a primeira publicação o “Livro dos Espíritos”, foi em abril de 1857. Esse livro é considerado a base filosófica da doutrina. A obra que, inicialmente, reunia mais de 500 perguntas e respostas, de um diálogo com os espíritos, foi fruto dos primeiros estudos de Kardec. O livro se divide em quatro partes intituladas como:

- Das causas primárias
- Do mundo dos Espíritos
- Das leis morais
- Das esperanças e consolações

A abordagem foi dividida em capítulos. Primeiramente, traz ideias da divindade, da criação e dos principais elementos do universo; posteriormente, apresenta análise do que é o espírito e os conceitos relacionados como a finalidade da atual existência, auto-aperfeiçoamento, pré e pós-existência e, ainda, as relações

¹ Disponível em: <http://aluzdaseara.blogspot.com.br/p/especial-allan-kardec_8.html>. Acesso em 20 mar. 2015.

estabelecidas com a matéria, as leis morais submetidas à criação, finalizando com as ideias do pós-morte.

A segunda publicação de Kardec, que compõe as obras básicas, foi lançada em janeiro de 1861. O Livro dos Médiuns - a base experimental – que segundo Sausse (1997, p. 34) “é ainda, o vade-mécum de quantos se querem entregar com proveito à prática do Espiritismo”, trata-se de um guia para os médiuns, que contém a teoria de diferentes manifestações e meios de comunicações com o mundo invisível e/ou espiritual, como ocorre o desenvolvimento da mediunidade, com abordagem das dificuldades que podem ser encontradas e como solucioná-las.

A terceira obra publicada foi o Evangelho Segundo o Espiritismo, em 1864, que fundamenta a base moral. Kardec faz um estudo da Bíblia na visão espírita, preocupando-se em extrair dos Evangelhos princípios de ordem ético-moral universal, “com a explicação das máximas morais do Cristo” e em demonstrar a relação com aqueles defendidos pelo espiritismo.

O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo, publicado em 1º de agosto de 1865, é o quarto livro da codificação. Faz um comparativo entre a vida corporal e espiritual, penalidades e recompensas, anjos e demônios e ainda esclarece variados exemplos ilustrando o mundo espiritual.

A sexta e última obra, denominada A Gênese, Kardec faz uma abordagem de teor filosófico e científico a respeito da criação do universo, formação dos mundos e surgimento dos espíritos. Expõe que os milagres podem ser explicados pelas leis da natureza como produtos da modificação dos fluidos que cercam a humanidade. Enfim, propõe que a religião e a ciência caminhem juntas.

O movimento espírita, antes de Kardec, teve como precursores Sócrates e Platão. Lucia (2001) lembra que os filósofos tinham um conceito de Deus, que Kardec com a ajuda dos espíritos trouxe muitos anos depois, além disso, naquela época já se falava em reencarnação e na imortalidade da alma. Os princípios da doutrina estavam presentes nas teorias filosóficas em concordância, porém não estavam bem estruturadas como nos dias de hoje.

A doutrina espírita fundamenta-se nas bases filosóficas, que analisa a natureza humana, fazendo uso do raciocínio lógico, e da fé reflexiva. Dessa forma, pretende ser uma junção entre ciência, filosofia e religião. Kardec definiu o espiritismo como sendo:

A nova ciência que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal; ele no-lo mostra, não mais como uma coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas da Natureza (KARDEC, 2002, p. 56).

Colombo (2001) explica que o espiritismo busca as revelações do visível e não visível, responde perguntas que para muitos parecem mistério: O que somos? De onde viemos? Para onde vamos? Qual o objetivo da existência terrena?

A Doutrina Espírita têm autores consagrados e de enorme reconhecimento como, por exemplo, Francisco Cândido Xavier (Figura 2). Lewgoy (2001) explica como o autor contribui com a doutrina, psicografando 468 livros, 40 publicados após a morte. O estudo da doutrina se inicia com as obras básicas nas casas espíritas, para que através da leitura e interpretação, os espíritas possam adquirir noções rudimentares e compreensão geral do que a doutrina prega.

Figura 2 - Francisco Cândido Xavier



Fonte: Site Chico Xavier, diálogos e recordações.²

² Disponível em: < <http://chico-xavier.com/galeria-do-chico/> >. Acesso em: 19 ago. 2014.

O Movimento Espírita brasileiro criou o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), lançando, na década de 1980, idealizado para a adoção de um programa a ser aplicado nos Centros. A proposta de estudo foi adotada com entusiasmo, além disso, a Federação Espírita Brasileira (FEB) propõe um estudo mais aprofundado da doutrina. Tal movimento argumenta sobre a necessidade fundamental que as casas espíritas façam grupos de estudo como uma das principais atividades, independente da idade, os estudos devem se aplicar para as crianças e adultos. Isso porque um estudo constante é essencial para quem se dispõe a dominar uma Ciência, isto é, deve-se estudá-la de maneira metódica, começando pelo básico e seguindo o encadeamento de ideias.

4.2.2 Objetivo da Evangelização no espiritismo

Os dirigentes do Departamento de Infância e Juventude (DIJ) orientam sobre a necessidade de oferecer estudo da doutrina nas casas espíritas. A evangelização torna o estudo presente no âmbito das crianças e jovens que participam, assim desde a infância é apresentado não só as diretrizes do espiritismo como também a boa conduta na vivência em sociedade. O trabalho da evangelização nas casas espíritas tem como objetivos:

a) Promover a integração do evangelizando:

- Consigo mesmo;
- Com o próximo;
- Com Deus.

b) Proporcionar ao evangelizando o estudo:

- Da lei natural que rege o Universo;
- Da natureza, origem e destino dos Espíritos bem como de suas relações com o mundo corporal.

c) Oferecer ao evangelizando a oportunidade de perceber- se como homem integral, crítico, consciente, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do Universo, agente de transformação de seu meio, rumo a perfeição de que é suscetível.

Em se tratando da evangelização de crianças e jovens, Werdine (2015) sintetiza sobre a forma de execução das tarefas na evangelização nos centros espíritas:

Educar, pois, dentro da concepção Espírita não é só oferecer os conhecimentos do Espiritismo como também envolver o educando numa atmosfera de responsabilidade, de respeito à vida, de fé em Deus, de consideração e amor aos semelhantes, de valorização das oportunidades recebidas, de trabalho construtivo e de integração consigo mesmo, com o próximo e com Deus (WERDINE , 2015, p.11).

Segundo Pires (1985), a educação espírita se define em duas maneiras: 1.º) como forma de formação de crianças e jovens, uma forma de transmissão dos princípios da doutrina espírita, e portanto uma função que compete ao lar e às escolas que funcionam nas Federações e nos Centros Espíritas; 2.º) como um processo de formação universal das novas gerações para o mundo novo.

A educação espírita, de maneira geral, ainda segundo Pires (1985), não é um processo de coação, de imposição das ideias espíritas, até porque um dos princípios fundamentais do Espiritismo é o do livre-arbítrio. Sendo assim, a preocupação maior é a formação moral e em segundo plano a transmissão de conhecimentos.

4.3 **Biblioterapia**

A palavra biblioterapia, explicada por Guedes e Ferreira (2008), deriva da junção dos termos gregos: *biblion* (livro) e *therapein* (tratamento) e significa terapia ou tratamento através do livro e da leitura. Caldin (2010) afirma que a biblioterapia pode proporcionar às crianças uma forma de se comunicarem, perdendo a timidez e expondo seus problemas emocionais.

O tratamento da alma por terapeutas, em 1890, foi definido por Freud como tratamento que tem origem na alma, com a ajuda de meios, que nesse caso são as palavras usadas como instrumento primordial, que agem primeiramente na alma do ser. As palavras ditas a uma pessoa são como instrumentos que podem ser usados para influenciar comportamentos e/ou decisões. As palavras podem ser entendidas e absorvidas pela visão e audição (leitura ou conversação), partindo desse ponto, Ouaknin (1996) esclarece que nos tempos antigos as palavras ditas se tornavam física, quando eram transcritas em algum suporte. Nesse momento, emerge a biblioterapia “do encontro entre a “força” da língua e o local de expressão primordial e primeiro dessa “força”: o livro”.

A leitura é definida como testemunho oral da palavra escrita, podendo se encontrar em diferentes idiomas. O ler tornou-se atividade de extrema importância para a civilização com a invenção da imprensa, por possibilitar dentre vários benefícios o auto-conhecimento.

[...] A leitura, ao contrário da conversa, consiste para cada um de nós em receber comunicação de outro pensamento, ao mesmo tempo que permanecemos sozinhos, isto é, continuando a usufruir do poder intelectual que temos na solidão e que a conversa dissipa imediatamente, podendo continuar inspirados, permanecendo no pleno trabalho fecundo do espírito sobre ele mesmo (OUAKNIN, 1996, p. 16-17)

A leitura faz com que de certa forma exista o envolvimento do leitor com o texto, por sua vez, a biblioterapia faz a junção da percepção objetiva e subjetiva, como se pode observar na figura abaixo.

Figura 3 - Biblioterapia e a percepção objetiva e subjetiva



Fonte: Adaptado de Ouaknin, 1996.

Ouaknin (1996) define a biblioterapia como, primeiramente, uma filosofia existencial e uma filosofia do livro, em que a leitura se faz de uma relação entre o leitor e o livro. A leitura possibilita existir relação do ser com o livro, sendo assim torna-se possível à compreensão do texto e a de si próprio. A interpretação faz com que o leitor faça parte do texto, pois ao interpretar, permite que a explicação objetiva do texto e a compreensão subjetiva sejam unificadas. A biblioterapia intenciona tornar a leitura um hábito, de maneira que exista a interpretação dos textos, possibilitando a relação entre livro e leitor.

Hasse (2004) ao contextualizar a biblioterapia, argumenta que os temas tratados são bem específicos, pois é uma atividade com propósito de contribuir para a vida do paciente, fazendo com que diante de problemas sociais, morais ou emocionais, possa lidar e solucioná-los com eficácia. A terapia envolve a identificação da identidade do ser, motivando a mudança de comportamento.

A biblioterapia pode ser compreendida como leitura terapêutica, que se diferencia da leitura, pois não se limita ao entretenimento. A leitura, no processo terapêutico, é mais aprofundada e exige a relação entre o leitor e o livro. Guedes e Ferreira (2008, p. 45) destacam que o “entendimento de um texto inclui a interpretação em grupos que é o mais importante, pois dá oportunidade de troca de informações além de proporcionar a garantia de que o paciente não está sozinho”, sendo assim o processo envolve a interação do ser com si próprio, com o livro e com grupos.

Figura 4 - Componentes da biblioterapia



Fonte: Adaptado de Hasse. 2004.

4.3.1 Surgimento da biblioterapia e benefícios

O método da biblioterapia foi definido pela primeira vez como emprego de livros, através de literatura dirigida no tratamento de doentes mentais. Em 1961, o *Wedster's Third Internacional Dictionary* fez a seguinte definição: “Uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia”, além de “Guia na solução de problemas pessoais através de leitura dirigida”. Essa definição, citada por Hasse (2004), foi adotada pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições. Os conceitos dados por alguns autores desse termo se divergem, dado que a importância é interpretada de maneiras diferentes.

A biblioterapia envolve atividades de leituras, de maneira controlada, e conduzida por profissional, nesse caso, o Biblioterapeuta que de acordo com Ferreira (2003, p. 36) é “o componente que torna a Biblioterapia uma técnica de aconselhamento”. Para que os objetivos da terapia por meio dos livros sejam alcançados é necessário antes de tudo que o biblioterapeuta tenha os seguintes atributos:

Quadro 1 - Atributos do biblioterapeuta

Entendimento da natureza psicológica do problema enfrentado.
Compreensão do caminho que este problema particular é tratado na seleção do livro prescrito.
Habilidade em formular hipóteses, que se refiram ao impacto que este material terá sobre a solução positiva do problema ou objetivo que se queira alcançar.

Fonte: Adaptado de Ferreira, 2003.

Esse processo é visto como interação do ser e da leitura mediante diversos tipos de materiais. Desde as antigas civilizações, acreditava-se que a leitura poderia proporcionar alívio às enfermidades. Hasse (2004) explica que no antigo Egito, bibliotecas eram apreciadas e representavam um espaço de espiritualidade e conhecimento. Na cultura grega, o livro era usado para curar. Em alguns países, o livro tem sido usado como método de incentivo à leitura para doentes. O nome específico de biblioterapia só surgiu no século XX. A princípio era recomendada para

peessoas com conflitos internos como depressão, medos, fobias e para idosos. Depois de muitas pesquisas, hoje sabe-se que a leitura terapêutica pode trazer diversos benefícios para diferentes tipos de pessoas em faixas etárias distintas.

A terapia por meio de livros, inicialmente, foi usada como meio de cura médica, posteriormente, como medida educativa na área da biblioteconomia, aplicada em crianças, adolescentes e jovens em diversos ambientes. A aplicação abrange caráter preventivo ou corretivo, podendo ser institucional, clínica e desenvolvimental. Os três tipos são constextualizados por Guedes e Ferreira (2008, p. 49-50) como:

- **Biblioterapia Institucional:** é caracterizada pelo uso de textos de higiene mental, geralmente usados para pessoas hospitalizadas. Busca auxiliar um grupo ou uma instituição, prestar informação ao usuário e esclarecê-lo sobre um problema específico, ajudá-lo na tomada de decisão e reorientação de comportamento conforme o objetivo definido para o trabalho. É utilizada literatura didática. Essa terapia pode ser usada em grupo ou indivíduo, aplicada por médicos ou bibliotecários.
- **Biblioterapia Clínica:** busca trabalhar o comportamento das pessoas em desenvolvimento com questões emocionais. A atividade é feita em clínicas e organizações de saúde mental. O objetivo é fazer com que os pacientes modifiquem atitudes e comportamento, encontrando soluções ou melhorias na atitude e no problema. Neste caso, é utilizada a literatura imaginativa e pode ser realizado por bibliotecários, psicoterapeutas e médicos.
- **Biblioterapia Desenvolvimental:** tem a finalidade de ajudar as pessoas em tarefas comuns, além de auxiliar a lidar com problemas pessoais do cotidiano, para o desenvolvimento pessoal. Possui caráter preventivo e corretivo, utilizado muito em instituições educacionais. Como não é ligada a medicina é realizada por bibliotecários, educadores e outros.

Mattos (2012), ainda afirma que a biblioterapia desenvolvimental auxilia no desenvolvimento pessoal. Para o desenvolvimento desse tipo de biblioterapia é utilizada a literatura didática e imaginativa. Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 401) sobre a aplicação da biblioterapia desenvolvimental explicam que:

Não basta ler/ouvir e guardar para si as palavras e as emoções que as palavras fizeram aflorar. A troca de interpretações é fundamental no diálogo biblioterapêutico. Palavras e gesto - voz e cor – se unem para fornecer a garantia de que o sujeito não está sozinho – ele pertence a um grupo e se apoia nele. A intercorporeidade aliada à intersubjetividade transforma a leitura coletiva em um ato terapêutico.

Hasse (2004) destaca que a biblioterapia, a partir da década de 30, tornou-se assunto de pesquisa científica. Emma T. Foreman foi uma importante biblioterapeuta e contribuiu para que a técnica fosse reconhecida e estudada como ciência. Louise Rosenblatt foi à primeira biblioterapeuta a identificar os benefícios da técnica que associa leitura e terapia, concluindo que os resultados da biblioterapia estão relacionados ao efeito da leitura no leitor. O livro propicia que o leitor se identifique com os personagens e ações, que influencia nas experiências e transformações, eleva a compreensão social e permite ao leitor descobrir novas formas de agir.

Um dos objetivos citados por Hasse (2004, p. 40):

[...] Enfocar aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento, ajustamento e desenvolvimento pessoal, fornecendo literatura sobre o assunto, resultando num favorecimento à mudança de atitudes e comportamento nos pacientes, com a solução ou melhora do problema de comportamento apresentado.

Hasse (2004, p.33-34) afirma ainda que a biblioterapia pode:

[...] Ajudar o paciente na assimilação de padrões culturais, através do reconhecimento das atitudes e expectativas do seu grupo; liberar o sujeito de uma atitude provinciana pela ampliação da consciência quanto à formação adquirida na família e na comunidade.

No artigo “Can there be a science of bibliotherapy?”, escrito por Bryen (1939, *apud* Hasse, 2004, p. 34), que podem ser alcançados com a aplicação da biblioterapia, quais sejam:

Desenvolver a maturidade, alimentar e sustentar a saúde mental, proporcionar ao paciente a sensação de que ele não é o primeiro a passar pelo problema identificado, permitir que possa ver a existência de mais soluções para seu problema, ajuda-o a perceber valores e motivações básicas de pessoas em situações semelhantes, oferecer dados necessários para a solução do problema, e encorajá-lo a planejar e executar um trajeto construtivo de ação.

Na aplicação da biblioterapia é indispensável a seleção de narrativas, de maneira que possam ser aplicadas como meio de intervenção. Hasse (2004, p.45) explica que “a escolha do texto deve estar de acordo com aquilo que o terapeuta pretende elaborar e acompanhar de perto a mobilização que esta ação, dentro do processo psicoterapêutico, pode gerar”. Desta forma, o biblioterapeuta terá mais facilidades em trabalhar, visto que poderá identificar as limitações do paciente, tornando mais ágil o processo de mudança, a participação espontânea do paciente no processo terapêutico torna-se possível descobrir ou concluir a mensagem do texto, tendo suas próprias conclusões.

Para que se possa elaborar uma avaliação, é preciso que o biblioterapeuta insira o paciente na história que será lida, fazendo com que o mesmo vivencie a história, possibilitando que o paciente descubra o próprio caminho. O planejamento para eficácia da técnica envolve também o tipo de informação que o texto transmite que deve estar relacionado de alguma forma com o que o paciente esteja enfrentando, assim como sua idade e sua capacidade de leitura.

Sobre a aplicação da biblioterapia, Hasse (2004, p. 60) afirma que:

Antes de utilizar a Biblioterapia, o terapeuta deve ter em mente que ela não é uma recomendação casual de certo texto para um indivíduo, mas uma ação deliberada que requer planejamento cuidadoso. Ela deve ser conduzida com grande delicadeza, e nem todo terapeuta possui qualificações pessoais para ser um facilitador do processo. Usar a leitura de um texto para “acionar a catarse emocional” pode ser uma atitude de risco, caso o terapeuta não esteja preparado para lidar com os aspectos emocionais que dela possam resultar.

A técnica pode apresentar algumas limitações, entre elas a disponibilidade de material para leitura, e a pré-disposição do paciente que podem recusar as ações dos personagens, dificultando a identificação com os mesmos, segundo Hasse (2004), em alguns casos as limitações podem ser superadas com a continuação do processo biblioterapêutico.

4.3.2 Práticas/Estratégias e avaliação da biblioterapia

A Biblioterapia pode ser uma atividade complementar, aplicada em grupo ou individualmente. Pelo fato de a leitura proporcionar o aumento da autoestima, a biblioterapia pode ser aplicada em diferentes casos, como em processos de desenvolvimento pessoal, educacional ou em quadros clínicos. Na qualidade de

terapia complementar, segundo Cerquetani (2014), pode ser aplicada em situações de luto (divórcio ou morte), depressão, hospitalizações, falta de perspectiva na vida, doenças crônicas, dificuldades para se relacionar, presidiários, idosos, dependências, traumas, ansiedade, desemprego, estresse e *bullying*.

O processo da aplicação envolve etapas, que devem ser seguidas sequencialmente. Primeiramente, é necessário que haja um planejamento. Guedes e Ferreira (2008, p. 51) justificam que o planejamento “permite o controle das atividades realizadas como também a sua avaliação.” O planejamento envolve a escolha de um local adequado, capacitação de quem conduzirá os diálogos, identificar o tipo de grupos, pessoas nas mesmas atividades em sintonia com faixa etária, por exemplo.

A Primeira etapa deve ser feita pelo biblioterapeuta e consiste na seleção de material bibliográfico adequado, de acordo com a necessidade do leitor, e com o objetivo de sanar os conflitos.

Guedes e Ferreira (2008, p. 52) explicam que:

A leitura conduz o leitor a familiarizar com alguma situação ou personagem do texto, se sentindo no lugar do personagem, esta reação se chama identificação. As pessoas sempre buscam um modelo para seguir ou se identificar, o leitor encontra isso na leitura.

Na etapa de envolvimento, a leitura precisa criar a identificação entre o leitor e os personagens, fazendo com que novas situações possam ser vivenciadas. Após a internalização do texto é feita a introjeção, que está ligada à identificação, e ocorre quando o indivíduo sente alívio pelo reconhecimento de que outros têm adversidades similares a dele. A etapa da projeção ou universalidade envolve a interpretação em grupo e a reflexão do leitor perante a situação, essa etapa abrange também a introjeção, pois exige a aplicação do que foi lido e interpretado ao dia-a-dia.

Ao ler um texto, o indivíduo constrói um texto paralelo, ligado às experiências e vivências pessoais, o que o torna diferente para cada leitor. Segundo Lucas, Caldin e Silva (2006) a literatura tem o poder de mexer com as emoções, porque admite a suspensão temporária do que se conhece por descrença. Isso significa que durante a leitura, ele passa a acreditar nos acontecimentos dos livros e esquece-se dos próprios problemas, causando o bem estar e assim diminuindo a dor.

A biblioterapia, sobretudo é considerada uma arte, e pode ser desenvolvida não só por bibliotecários como por diferentes profissionais. Destaca-se que se for desenvolvida por profissionais de diversas áreas, a avaliação da atividade pode ser mais rica.

Lucas, Caldin e Silva (2006) mencionam os recursos básicos utilizados para avaliação da terapia, são eles: a observação, os depoimentos do público-alvo, os depoimentos de familiares e pessoas que tenham convívio com o paciente. Ao aplicar o tratamento em crianças, Hasse (2004, p. 47) explica que “a intenção do terapeuta se volta à assimilação do texto pelo paciente, para que seja incorporado em sua conduta, resultando em comportamentos mais construtivos.” o terapeuta deve adaptar a leitura e o conteúdo da narrativa ao paciente e ao que se deseja alcançar.

Hasse (2004, p. 47) afirma que “o terapeuta deve também ficar atento às expressões faciais, aos gestos e movimentos do corpo, às verbalizações do paciente, pois estes confirmam a assimilação do conteúdo da narrativa pelo paciente”, instantaneamente a avaliação pode ser feita de maneira visual.

5 METODOLOGIA

O presente capítulo descreve o método adotado para o desenvolvimento do estudo de caso. A pesquisa possui abordagem qualitativa e foi realizada na Escola de Evangelização Francisco de Assis.

5.1 *Universo de pesquisa*

5.1.1 *Evangelização Espírita Infanto-juvenil*

Compreende-se por Evangelização Espírita-Infanto-juvenil as atividades voltadas ao estudo da Doutrina Espírita e à vivência do Evangelho de Jesus junto à criança e ao jovem. Desde 1980, o Departamento de Infância e Juventude (DIJ) oferece ao Movimento Espírita subsídios para o trabalho, tanto em forma de planos de aulas como de apostilas de apoio, de modo a instrumentalizá-lo para o bom desenvolvimento da tarefa.

A Evangelização Espírita da Criança e do Jovem atende a um público de faixa etária diversificada, que se encontra em diferentes níveis do desenvolvimento biopsicossocial e espiritual. Para tanto, é fundamental que os trabalhadores da evangelização tenham maior conhecimento das necessidades e interesses desse grupo e assim poder adequar as atividades para melhor atendimento.

A Federação Espírita Brasileira oferece ao Movimento Espírita orientações que devem ser seguidas, contidas na 4ª Coleção de Planos de aulas organizadas, conforme a estrutura do Currículo para Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil – 2006:

Quadro 2 - Estrutura do Currículo para Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil

CICLO	FAIXA ETÁRIA
Maternal	3 e 4 anos
Jardim de infância	5 e 6 anos
1º Ciclo de infância	7 e 8 anos
2º Ciclo de infância	9 e 10 anos
3º Ciclos de infância	11 e 12 anos
1º Ciclo de juventude	13 e 14 anos

2º Ciclos de juventude	15 a 17 anos
3º Ciclos de juventude	18 a 21 anos

Fonte: Adaptado de site da FEB.

Nessa perspectiva, o evangelizador torna-se responsável por semear nos evangelizando os princípios da fraternidade, do afeto e da fidelidade doutrinária. Dessa maneira, as crianças e jovens adquirem momentos de aprendizado e de convívio com vistas ao conhecimento espírita e à vivência dos ensinamentos de Jesus. Para tanto, o evangelizador deve se valer da adequada e contínua preparação pedagógica e doutrinária, para que:

[...] não se estiolem sementes promissoras ante o solo propício, pela inadequação de métodos e técnicas de ensino, pela insipiência de conteúdos, pela ineficácia de um planejamento inoportuno e inadequado. Todo trabalho rende mais em mãos realmente habilitadas (RIBEIRO, 2014, n.p).

O DIJ diante da relevância da ação evangelizadora, sintetiza o caminho a ser trilhado, afirmando que “com Jesus nos empreendimentos do Amor e com Kardec na força da Verdade, teremos toda orientação aos nossos passos, todo equilíbrio a nossa conduta”.

A evangelização é estabelecida a partir de encontros semanais com as crianças, em que são trabalhados os temas contidos no currículo oferecido pela FEB. O conteúdo é ensinado para as crianças por meio de atividades, dinâmicas e em todas as aulas é feita avaliação com intuito de identificar se o conteúdo ensinado foi de fato absorvido. A evangelização abrange momento especial de convivência, aprendizado, reflexão, compartilhamento de experiências e construção de vínculos de amizade e de fraternidade entre as crianças e os jovens frequentadores.

A maneira como é feita essa atividade, de certa forma, influencia o comportamento da criança e do jovem perante a sociedade. A ação evangelizadora envolve não somente os evangelizando como também os pais e familiares, que são convidados para participarem de grupos ou reuniões voltados ao estudo de temas relacionados à vida em família.

5.1.2 Escola de Evangelização Francisco de Assis

As atividades foram desenvolvidas no Centro Espírita Campos da Paz, com um grupo de crianças de 5 e 6 anos, do jardim. O Centro Espírita Campos da Paz - CECAP, situa-se em Planaltina, DF. Os trabalhos no centro iniciaram-se, em 1985, quando tinha vínculo administrativo com o Centro Espírita Maria Madalena - CEMA, também localizado em Planaltina, como um posto de assistência que funcionava na casa de uma voluntária onde era preparada a sopa e distribuída para a comunidade. No princípio, recebia uma média de 150 crianças e apesar das condições bem precárias, as atividades eram realizadas por meio de doações e do esforço dos primeiros voluntários da casa.

Em 1991, o centro deixou de ser Posto de Assistência e passou a ser Centro Espírita Campos da Paz. Em 1993, foi feita a compra do primeiro terreno do CECAP, onde é localizado nos dias de hoje. A estrutura física cresceu graças aos almoços beneficentes realizados pelos trabalhadores.

As instalações atuais dividem-se em um salão grande, onde são realizadas palestras públicas e atividades diversas; um salão pequeno destinado às reuniões mediúnicas e cabine para o passe magnético. Na entrada do centro, há uma sala de recepção e no segundo andar, há seis salas de aula destinadas à evangelização infantil e juvenil, onde também há duas pequenas salas onde ficam guardados os materiais e dois banheiros também usados pela evangelização. A cozinha conta com despensa para os mantimentos e utensílios utilizados na confecção das refeições. A casa encontra-se em obras e, recentemente, foi realizada a reforma das salas de aula, com trocas de janelas, pintura. A parte superior da casa recebeu a laje, o objetivo é fazer almoços de festivais de tortas beneficentes para arrecadar renda e construir um refeitório.

A casa tem crescido e o número de atividades também. São realizados trabalhos mediúnicos e de cura, palestras públicas, teatro, campanha de fraternidade, coral infantil e adulto. Os primeiros trabalhos estavam ligados à evangelização das crianças, realizados até hoje. Os encontros são feitos aos sábados pela manhã, em que além das aulas e das orientações também é oferecido sopa ao final de cada encontro. Durante o ano, são realizadas atividades extras como passeio do dia das crianças, dia da família, festa de natal e etc.

A Escola de Evangelização Francisco de Assis tem como principal objetivo moldar as crianças utilizando os ensinamentos da Doutrina Espírita, fazendo com que sejam formados cidadãos éticos e responsáveis, cientes dos direitos e deveres. Além da parte doutrinária, também faz-se necessário o trabalho social, dado que o centro se localiza em uma região com altos índices de violência. A maioria das famílias é carente e muitas são desestruturadas, alguns familiares encontram-se presos por terem envolvimento com tráfico de drogas, homicídios e outros delitos. Esses fatores impossibilitam que as crianças tenham formação e educação apropriada. A evangelização proporciona às crianças os ensinamentos de Cristo e o contato com religião por meio das aulas.

Figura 5 - Centro Espírita Campos da Paz



Fonte: Autoria própria.

5.2 Amostra

Amostra refere-se a uma parcela da população a ser estudada. Para Deslauriers (1991, p. 58 *apud* Gerhardt e Silveira, 2009), amostra tem o objetivo de produzir informações aprofundadas e ilustrativas. Do total de 50 crianças, o estudo foi realizado com um grupo de 5 e 6 anos. O grupo era composto por 16 crianças, moradoras da região de Planaltina, DF, matriculadas no jardim de infância da Escola de Evangelização Francisco de Assis.

5.3 Abordagem qualitativa

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa. Abordagem qualitativa, de acordo Ludke e André (1986), caracteriza-se por ter o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento; os dados coletados são descritivos; o processo é mais importante que o produto; o foco do pesquisador é o significado que as pessoas dão às coisas e a análise dos dados ocorre pelo processo indutivo.

A opção justifica-se pelo o envolvimento com o objeto de pesquisa (as crianças), pois já se tem um contato direto. Outro fator para escolha da abordagem foi a faixa etária e o nível de desenvolvimento do grupo. O objetivo do estudo é a verificação de como a biblioterapia no contexto da evangelização influencia o cotidiano das crianças. Para tanto, elaborou-se um programa de biblioterapia, que contou com o uso de alguns recursos. Os instrumentos de coleta de dados foram desenhos, depoimentos e questionários. A avaliação da contribuição da aplicação do programa de biblioterapia foi realizada por meio de desenhos e depoimentos dos participantes, além disso, para colher mais informações a respeito do impacto do estudo foi aplicado questionário com alguns pais. O questionário foi pré-testado com o intuito de verificar a clareza das perguntas, se as opções de respostas eram suficientes, dentre outros aspectos.

5.4 Realização do Estudo de caso

Segundo Araújo *et al.* (2008), o estudo de caso é compreendido como uma abordagem metodológica de investigação para compreender e/ou explorar determinados acontecimentos e contextos em que estão envolvidos diversos fatores.

As vantagens dos estudos de caso são:

Estimulam novas descobertas, em função da flexibilidade do seu planejamento; enfatizam a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo e apresentam simplicidade nos procedimentos, além de permitir uma análise em profundidade dos processos e das relações entre eles (VENTURA, 2007, p. 386).

Por outro lado, Yin (1994) aponta limitações no plano de investigação, por exemplo, falta de rigor no que concerne a confiabilidade do estudo. Além disso, Araújo *et al.* (2008) afirmam que o estudo pode sofrer influências por parte do pesquisador com falsas evidências e até mesmo visões distorcidas. Em suma, apesar das limitações dessa técnica, ainda assim, ela apresenta tendências de pesquisa.

5.5 Instrumentos para coleta de dados

Foram utilizados três instrumentos de coleta de dados. Como recurso para colher as informações das crianças, usaram-se desenhos e depoimentos. Para colher informações dos pais, aplicou-se questionário para uma amostra probabilística, nesse caso os pais foram selecionados aleatoriamente.

5.6 Programa

O programa foi aplicado em três aulas. As atividades foram fotografadas para que, posteriormente, fosse possível utilizar os documentos para auxiliar no relato das atividades desenvolvidas.

A primeira aula teve como principal objetivo a apresentação do ambiente, dos evangelizadores e evangelizados. A segunda aula trabalhou a relação do respeito à natureza e principalmente as ações que podem ser benéficas para as pessoas. A terceira aula abordou o tema Família, com objetivo de cultivar bons sentimentos para melhorar o convívio, considerando os princípios do respeito e da partilha.

Para avaliação do último tema, foi proposta uma atividade para cada criança realizar em casa com os pais, e no encontro seguinte, elas trocaram experiências em sala de aula com os colegas. Assim, foi possível conhecer melhor o relacionamento familiar das crianças, que pode ser comparado com os resultados do questionário aplicado com alguns pais e/ou responsáveis. O questionário (Apêndice A) foi usado para colher informações das impressões dos pais a respeito de

mudanças de comportamento que tenham ocorrido após a criança ter começado a frequentar a Evangelização.

5.6.1 *Aula Inicial*

Tema: A escola de evangelização espírita

Objetivos da aula:

- Conhecer o ambiente, colegas de sala e evangelizadores;
- Discutir as expectativas em relação às aulas e temas.

Desenvolvimento:

- Iniciar a aula dando as “Boas Vindas” aos evangelizandos, realizar a apresentação do ambiente dos encontros e dos evangelizadores que irão conduzir as aulas.
- Pedir que cada criança se apresente, dizendo seu nome, o que mais gosta de fazer, etc.
- Desenvolver a hora do conto com a história: Eu, tu e ele (Anexo A), permitindo que as crianças participem do momento.
 - o Levar a história em um saquinho surpresa, para que descubram o que tem dentro dele. Apresentar o papel enrolado como pergaminho e contar a história.
- Explorar o texto junto aos evangelizandos, realizando comentários sobre a importância dos laços de amizade.
- Sentar com os evangelizandos em roda e entregar para uma das crianças um ursinho, pedir que cada um faça algum gesto de carinho no urso e passa para o outro coleguinha... Ao final, dizer que eles terão que fazer o mesmo com os coleguinhas, começando assim uma nova amizade, cultivando o carinho e o amor.
- Fazer a prece final e distribuir a sopa.

Recursos: Saco surpresa, história impressa e urso de pelúcia.

Avaliação: A aula será considerada satisfatória se os evangelizandos participarem com interesse das atividades propostas.

5.6.2 Segunda aula

Tema: Respeito à natureza

Objetivo da aula:

- Reconhecer a importância de cuidarmos, preservamos e respeitarmos a natureza.

Desenvolvimento:

- Iniciar a aula com a “hora das novidades”.
 - o **Hora das novidades:** Momento para as crianças falarem de maneira espontânea os acontecimentos da semana, etc.
- Mostrar o saco surpresa e deixar que as crianças tentem descobrir o que tem nele, depois retirar o planeta do saco e mostrar o lado triste do planeta, onde terão imagens de ações negativas:
 - o Como o planeta está? Feliz ou triste?
 - o O que há de errado com ele?
 - o Essas ações estão corretas?
 - o O que podemos fazer para ajuda-lo?
- Depois de conversar sobre as imagens, contar a história: “É o fim do mundo?” (Anexo B).
- Após a história, conversar com os evangelizados sobre as atitudes que ajudam na preservação do planeta, pedir mais exemplos e discutir sobre o que tem acontecido com a natureza atualmente.
- Distribuir folhas brancas, para que as crianças possam desenhar ações positivas em relação à preservação a natureza.
- Reunir os desenhos e substituir as imagens negativas do planeta pelas positivas, onde cada um fará a sua parte para a mudança do planeta, após a troca dos desenhos, virar a outra face e mostrar como o planeta fica quando é bem tratado.
- Enfatizar os cuidados que devemos ter com a natureza, que assim como nós foi criada por Deus. Os cuidados que temos com a natureza, refletem em nossas vidas e na vida do nosso próximo.

- Pedir para que cada criança durante a semana comente com um parente, amigo ou vizinho sobre as maneiras de ajudar o planeta e na próxima aula divida a experiência com os colegas.
- Fazer a prece final e distribuir a sopa.

Recursos: Planeta com duas faces, figuras coloridas, folha branca, giz, lápis de cor e fita adesiva.

Avaliação: A aula será considerada satisfatória se os evangelizados perceberem e representarem as ações que favorecem a preservação da natureza.

5.6.3 Terceira aula

Tema: Respeito e amor à Família

Objetivo da aula:

- Identificar ações que beneficiam a convivência familiar.

Desenvolvimento:

- Iniciar a aula com:

Hora das novidades: Momento para as crianças falarem de maneira espontânea os acontecimentos da semana, etc.

- o Completar o Emociomentro³
- o Questionar se comentaram com alguém sobre como podemos preservar a natureza e deixar que digam como foi.
- Distribuir a cada criança um copo de plástico transparente com água e entregar a cada criança uma flor pequena (dobrada), que dentro estará escrito um sentimento positivo. A flor deve ser colocada suavemente sobre a água. As crianças devem observar o copo, esperando que cada flor abra, revelando o sentimento que está escrito nela.
- Falar dos sentimentos e perguntar:
 - o Onde esses sentimentos devem começar a ser desenvolvidos/trabalhados/aperfeiçoados e são extremamente importantes? Na família.

³ Dinâmica para as crianças definirem seu estado emocional (feliz ou triste).

- o Por que são tão importantes? Para a harmonia no lar, respeito e crescimento espiritual. E também porque a família é o primeiro lugar onde podemos (e devemos) exercitar os bons sentimentos.
 - o Concluir dizendo que nós sabemos que há casas onde não há esta harmonia. Mas há sentimentos como os que foram discutidos na primeira atividade que tornam nossa casa um lar feliz, e nós podemos construir felicidade a partir deles.
- Mostrar o saco surpresa com vários papeis, pedir que tentem adivinhar o que tem no saco e depois distribuir os papeis que serão usados no momento da história.
- Contar a história: **“Vila Feliz”** (Anexo C)
 - o No momento da história será confeccionada uma dobradura de casinha, e as crianças deverão seguir as instruções.
- Propor a criação de uma Vila Feliz, pedir que cada um desenhe seus familiares nas suas casinhas e colar no mural todas as atividades.
- Completar o cartaz colocando flores e árvores, e assim deixar a Vila mais feliz. Para isso realizar a atividade: **“É amor ou não é?”** (Anexo D).
- Fazer a prece final e distribuir a sopa.

Recursos: Copos descartáveis, água, dobraduras de flores, papel colorido, canetinhas.

Avaliação: A aula será considerada satisfatória se os evangelizando reconhecerem quais atitudes são positivas no convívio familiar.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo apresenta a análise das aulas e os resultados do questionário aplicado com uma amostra de pais com objetivo de realizar avaliação da eficácia do programa. Em primeiro lugar, apresenta-se a análise da aplicação do programa biblioterapêutico nas aulas. Em segundo lugar, as questões que indicam as impressões dos pais em relação ao comportamento das crianças no meio familiar depois de serem matriculadas na evangelização.

6.1 *Descrição*

O presente capítulo apresenta a descrição de cada aula, detalhando como ocorreu cada atividade e as impressões transmitidas pelas crianças através do diálogo informal. O capítulo está estruturado de acordo com as aulas e em ordem cronológica das atividades realizadas.

6.1.1 *Aula Inicial*

A primeira aula teve como principal objetivo a apresentação dos evangelizadores, evangelizandos e do ambiente, ocorreu dia 21 de março de 2015, com duração de 1 hora. Participaram 10 crianças, com idade entre 5 e 6 anos. Antes de ir para sala, realizaram-se algumas dinâmicas e as crianças cantaram uma música com todo o grupo da evangelização. Após a apresentação das turmas, cada turma dirigiu-se para a sala de aula com as crianças.

Primeiramente, houve apresentação da mediadora e das crianças. Em seguida, foi apresentada a surpresa para instigar a curiosidade das crianças, que tentavam adivinhar o que havia dentro do saco. Ao verem que se tratava de uma história impressa demonstraram interesse em ouvi-la, com exceção do J que disse que não gostava de histórias, porém no decorrer do momento foi demonstrando interesse ao saber o que acontecia.

A história foi contada com algumas pausas, em que eram feitos questionamentos em relação aos acontecimentos. As crianças participaram do momento com bastante entusiasmo, querendo descobrir o que aconteceria. Quando questionados o que faltava na vida dos personagens, sugeriram que faltava a felicidade. Os personagens na história conversaram sobre suas vidas, e

aproveitando o exemplo, foi iniciado uma conversa informal na sala, em que cada um teve oportunidade de falar sobre as brincadeiras prediletas. Uma criança disse que gostava de brincar de arma o que deixou boa parte da turma assustada por não ser uma brincadeira muito comum. A Ação não foi comentada e a conversação continuou.

Ainda na conversa, outra criança disse o que faltava na vida dos personagens: amigos. Concluíram que alguém para brincar era melhor do que brincar sozinhos. Um menino comentou que fez uma amiga nas férias e assim cada criança falou o nome de um amigo. A mediadora comentou que a turma se encontraria aos sábados, e que poderiam ser amigos. As crianças falaram diversas atitudes para cultivar a amizade e atitudes negativas que não devem ser realizadas. AL e a BZ deram exemplo de uma atitude ruim de um colega da escola que elas não gostaram e ao compartilharem com a turma, tal atitude foi totalmente reprovada pelas crianças.

Na dinâmica com o urso de pelúcia, as crianças ficaram um pouco intimidadas. Os primeiros preferiram dar apenas um abraço no urso, a L foi a primeira a dizer alguma coisa: “Oi Maurília, gosto muito de você” e o J se recusou a fazer um gesto de carinho, mesmo com a insistência dos outros colegas. A LU foi a segunda a dizer uma frase: “Oi Maurília, eu te amo muito”. No segundo momento, realizaram o que foi proposto, demonstrando o mesmo gesto de carinho com o colega que estava ao lado, como o J se recusou a fazer a atividade no primeiro momento, no segundo momento, ele não pode demonstrar um gesto de carinho para a L que estava do seu lado, sendo assim ela se ofereceu a dar um abraço nele, invertendo a ordem da brincadeira.

Após a dinâmica, a turma comentou sobre a amizade e sobre o exemplo que a L comentou ao mencionar o colega da escola. Na conversa algumas crianças disseram que se ele fosse pra evangelização poderia ter outro tipo de comportamento, pois iria aprender muitas coisas boas. Ao final, perguntaram se no outro sábado teria outra surpresa no saco, e já ficaram curiosos para saber o que seria.



Fonte: Autoria própria.

Figura 7 - Crianças tomando sopa



Fonte: Autoria própria.

6.1.2 Segunda Aula

A segunda aula ocorreu dia 28 de março de 2015 e teve duração de 1 hora e 20 minutos. Participaram 12 crianças com idade entre 5 e 6 anos. No primeiro momento, as crianças contaram as novidades da semana. Em seguida foi realizada a dinâmica do “Emociometro”, em que cada uma delas teve a oportunidade de escolher um rostinho feliz ou triste que representassem o sentimento do momento. Na ocasião, todas escolheram o rostinho feliz.

No segundo momento, ao mostrar o saco surpresa algumas crianças associaram a surpresa da aula anterior e desconfiaram que fosse uma história. Todos ficaram muito animados e curiosos e tentaram adivinhar a surpresa do dia. Ao verem o planeta, repararam que ele estava triste e as causas estavam representadas nos desenhos, que retratavam como estava sendo tratado.

Ansiosos para ouvir a história, as crianças ficaram bem quietas e atentas. Ao ouvirem as consequências do efeito estufa, ficaram assustadas e disseram que assim todos iriam morrer. A criança A logo lembrou que em alguns estados se encontravam com falta de água.

Cada criança fez um desenho, com pequenas atitudes que juntas podem salvar o planeta. As ideias para salvar o planeta foram surgindo aos poucos, porém o J não participou. Quando as perguntas foram direcionadas ao J. ele se absteve em responder e no momento do desenho justificou que não sabia o que fazer. Cada um falou o que tinha desenhado, os desenhos foram reunidos para mostrar que seriam atitudes e ações corretas que deixaram o planeta feliz quando cada um faz a sua parte.

A proposta da missão da semana foi dizer para alguém uma boa ação para deixar o planeta feliz e contar no próximo encontro.

Figura 10 - Crianças desenhando



Fonte: Autoria própria.

Figura 11 - Desenho feito por uma das crianças



Fonte: Autoria própria

Figura 12 - Grupo de crianças do Jardim de infância 20 de março de 2015



Fonte: Autoria própria

6.1.3 Terceira Aula

A aula ocorreu dia 04 de abril de 2015 e teve duração de 1 hora e 20 minutos. Participaram 13 crianças com idade entre 5 e 6 anos. A aula se iniciou com a hora das novidades. Algumas crianças estavam bem agitadas para contar os acontecimentos da semana. Sobre a missão da aula anterior as crianças realizaram a atividade proposta e todos tiveram a oportunidade de descrever como a mesma ocorreu.

A primeira atividade prendeu a atenção das crianças, o clima de suspense envolveu a todos. Foi apresentada uma flor com pétalas que se abriam, em que estavam escritos sentimentos bons. Quando as crianças perceberam que era uma flor, ficaram curiosos com o que havia escrito nas flores. Ao serem questionados onde desenvolviam os sentimentos, o E respondeu que era no CECAP, e a A disse que na Igreja. Depois de serem questionados, as crianças disseram que o primeiro lugar que se aprende a ter bons sentimentos era em casa com a família. Em seguida, foram apresentadas maneiras de demonstrar o amor, o respeito e a paciência no meio familiar.

Ao verem o saco surpresa, ficaram animados e já tentavam adivinhar a surpresa do dia, não queriam ver o que era, queriam adivinhar. Foram mostrados os papéis às crianças e explicados que no final da história, o papel se transformaria em outra coisa. Algumas crianças não conseguiram realizar a dobradura, nesse momento os evangelizadores ajudaram e algumas crianças ajudaram os colegas. A história tratava de um lugar onde existia carinho e era possível aprender coisas boas, e sentimentos bons, como os vistos nas flores. As crianças disseram que seria o paraíso, porém a história mostrava que esse lugar deveria ser construído e, então, quando a dobradura foi finalizada, as crianças viram uma casa. Cada criança desenhou sua família na dobradura, o J demonstrou dificuldade em realizar o desenho, não realizando a atividade como foi proposta.

Para finalizar, as casinhas foram coladas no mural, e as crianças instigadas a dizer o que faltava para uma vila feliz. A BF respondeu que faltavam árvores, plantas, flores, sol e etc. Então, para colocar uma flor, elas deveriam responder se as atitudes lidas eram boas ou ruins, sendo boa, cada criança teria a oportunidade de colar uma flor no mural. Esse momento foi bem participativo, as crianças

demonstraram interesse em responder corretamente e para atitudes ruins alguns demonstraram certa repugnância.

Figura 13 - Grupo de crianças do Jardim de infância 04 de abril de 2015



Fonte: Autoria própria.

6.2 *Análise das aulas*

Os encontros possibilitaram o envolvimento com as histórias, personagens e situações. As atividades realizadas permitiram para alguns o primeiro contato com atividades lúdicas e aqueles que tiveram certa resistência em participar, aos poucos demonstraram envolvimento com as histórias.

Por se tratar de um projeto biblioterapêutico, as crianças sempre estiveram livres, nenhuma criança foi obrigada a participar das atividades. No decorrer da aplicação do plano biblioterapêutico demonstraram total interesse e ainda, tiveram expectativas renovadas para cada encontro ouvirem mais uma história. Para eles, o saco surpresa era sinônimo de que a aula teria uma história, e o fato de tentarem adivinhar o que tinha dentro era a diversão.

Em diversos momentos as crianças fizeram associações das histórias e atividades realizadas com os fatos vivenciados em casa, na escola e etc. E esse era o objetivo, usar as histórias de maneira que fossem internalizadas e associadas com suas vidas.

Foi possível notar algumas mudanças de comportamento: crianças se tornaram mais participativas, principalmente aqueles que demonstravam timidez, aos poucos passaram a participarem das aulas; o entrosamento entre o grupo, as crianças tiveram aproximação entre elas e com os evangelizadores; aqueles que tinham resistência em se afastar dos pais, demonstraram mais facilidade no momento de deixarem os pais e se juntarem às outras crianças. A postura em sala mudou, passaram a ser mais comportados e obedientes.

O programa biblioterapêutico aplicado na Escola de Evangelização Francisco com as crianças de 5 e 6 anos de idade, pôde proporcionar o prazer em ouvir histórias, além disso, no momento das aulas as crianças puderam se desvincular por algumas horas dos problemas familiares. Nem todas as famílias são bem estruturadas, alguns deles convivem com a violência e são tratados com indiferença e não recebem gestos de amor e carinho. Além da carência sentimental, algumas crianças são carentes de bens materiais e participam da evangelização para se alimentarem e contam com doações de alimentos etc.

Como visto na revisão de literatura, observou-se que os benefícios da biblioterapia descritos no quadro abaixo, de acordo com a percepção de alguns autores, foram alcançados.

Quadro 3 - Quadro de benefícios da Biblioterapia

AUTORES	BENEFÍCIOS
Caldin (2010)	Influencia o comportamento da criança, de maneira que a mesma possa ter uma maior confiança para se comunicar expondo seus problemas.
Ouaknin (1996)	Torna a leitura um hábito, faz com que os textos sejam interpretados de maneira que exista relação entre o livro e o leitor.
Guedes e Ferreira (2008, p. 45)	“Entendimento de um texto inclui a interpretação em grupos que é o mais importantes, pois dá oportunidade de troca de informações além de proporcionar a garantia de que o paciente não está sozinho.”
Louise Rosenglatt	Identificação do leitor com os personagens e a ações, que influenciam nas experiências e transformações elevando a compreensão social, permitindo que o leitor descubra novas formas de agir.
Hasse (2004, p. 33-34)	“Auxilia o paciente a assimilar padrões culturais, através do reconhecimento das atitudes e expectativas do grupo; liberar o sujeito de uma atitude provinciana pela ampliação da consciência quanto à formação adquirida na família e na comunidade.”
Bryen (1939) <i>apud</i> Hasse (2004, p. 3)	“Desenvolver a maturidade, alimentar e sustentar a saúde mental, proporcionar ao paciente a sensação de que ele não é o primeiro a passar pelo problema identificado, permitir que possa ver a existência de mais soluções para seu problema, ajuda-o a perceber valores e motivações básicas de pessoas em situações semelhantes, oferecer dados necessários para a solução do problema, e encorajá-lo a planejar e executar um trajeto construtivo de ação.”
Lucas, Caldin e Silva (2006)	A literatura mexe com as emoções, o ouvinte ou o leitor passa a acreditar nos acontecimentos dos livros, esquecendo os próprios problemas o que gera o bem estar do indivíduo.

Fonte: Autoria própria.

Em relação ao que foi observado em sala com benefícios que a biblioterapia proporciona, conclui-se, primeiramente o envolvimento com as histórias e os momentos lúdicos, onde segundo Lucas, Caldin e Silva (2006), esse envolvimento gera o bem estar. A associação entre as histórias e as situações do dia-a-dia, que compartilhada com o grupo segundo Guedes e Ferreira (2008) a troca de informações faz com que o ser reconheça seus problemas e percebam que não estão sozinhos. Ouaknin (1996) esclarece que a biblioterapia influencia o gosto pela

leitura, o que foi demonstrado pela expectativa renovada em cada encontro, o prazer em ouvir as histórias.

6.3 *Análise do questionário*

O questionário (APÊNDICE A) foi aplicado no dia 18 de abril de 2015, com 7 pais de alunos, que se dispuseram a respondê-lo. A abordagem inicial foi realizada aleatoriamente, com a proposta da aplicação do questionário onde os participantes responderam de próprio punho.

Segue abaixo a relação das questões com a análise das respostas. As questões foram estruturadas de maneira que pudessem analisar o comportamento das crianças no ambiente familiar e as possíveis mudanças percebidas.

1. Frequência do Centro Espírita Campos da Paz

Os dados mostram que seis pais frequentam o centro espírita e que um não frequenta.

2. Participação de atividades propiciadas pelo CECAP

Os pais foram questionados sobre a participação em alguma atividade no CECAP. Seis pais que frequentam o Centro Espírita afirmaram participar de atividades como a evangelização, cursos, reunião pública, coral espírita etc. E um pai respondeu não participar e não frequentar nenhuma outra igreja.

3. Percepção das dificuldades da criança no relacionamento com outras crianças

Sobre as dificuldades da criança em se relacionar com outras crianças, cinco pais responderam não ter notado nenhuma dificuldade de relacionamento das crianças.

4. Existência de problemas de comportamento nas crianças

Nessa questão, seis pais citaram alguns problemas como mau comportamento, apego excessivo com os pais e a dificuldade de se relacionar com outras crianças, no caso, a criança revela ter uma timidez e assim, ter dificuldade de aproximação. Um pai disse que a criança não tinham problemas de comportamento.

Para Piaget (1997, *apud* Cunha 2009), a moral tem relação com a afetividade e a cognição. O autor observou o comportamento da criança diante os jogos com regras e constatou razões que sinalizam a moral:

I – Representam uma atividade interindividual reguladora por certas normas que mesmo herdadas das gerações anteriores podem ser modificadas pelos membros de cada grupo de jogadores.

II – Às vezes, as normas não possuem caráter moral, em si, o respeito a elas é, ele sim, moral e envolve questões de justiça e honestidade.

III – O respeito provém de mútuos acordos entre os jogadores e não da mera aceitação de normas impostas por pessoas de fora à comunidade e jogadores. (PIAGET 1997, p.2 *apud* CUNHA 2009, p. 11-12).

Sendo assim a consciência das regras, seguem etapas, e a criança que se encontra na faixa etária de 5 a 6 anos, está em um processo de transição da anomia para heteronomia. Assim, ela passa de uma etapa pré-moral, em que não existem regras e normas que criança assimile, para a etapa da heteronomia, em que a criança passa a assimilar as regras que são transmitidas por terceiros.

5. Motivação para matrícula da criança na Evangelização

As respostas mostram que os pais acham importante o fato de as crianças terem contato com a religião, mesmo aqueles que não freqüentam a casa e não se dizem de fato espíritas. Os filhos de freqüentadores estão inseridos na evangelização como todas as crianças da família, além disso, foi declarada a importância dos conhecimentos adquiridos pelas crianças, como por exemplo, o respeito às diferenças, que faz com que a criança perceba a importância do amor ao próximo. Esse é justamente o objetivo da evangelização, de educar para o futuro, dando a base moral para formar cidadãos.

Em consonância com os pais, Pires (1985) argumenta que os benefícios da evangelização estão ligados à formação moral e, em segundo plano, à transmissão de conhecimentos doutrinários. Werdine (2015) explica que o processo de educação na Doutrina Espírita é executado de maneira que o educando receba orientações ligadas à responsabilidade, ao respeito à vida, aos semelhantes e, enfim, uma integração consigo mesmo, com o próximo e com Deus.

6. Comentários das crianças sobre atividades da Evangelização

Os pais responderam afirmativamente sobre haver comentários das crianças em relação às atividades. De acordo com eles, as crianças sempre levavam para casa as impressões das atividades realizadas em sala e comentavam com os pais e familiares. Em uma das respostas, foi descrito uma ocasião em que a criança chamou atenção da irmã mais velha para respeitar os mais velhos, justificando ter adquirido o ensinamento na evangelização.

Os pais também mencionaram a satisfação das crianças em estarem participando das aulas, a partir dos comentários das histórias e das atividades realizadas com os familiares.

De acordo com a FEB, a evangelização nessa faixa etária apresenta grande potencial. Isso porque a mesma propõe o estudo da doutrina nas casas espíritas, com a recomendação de iniciação dos estudos pelo básico, seguindo o encadeamento das ideias e adequação às diferentes faixas etárias, sendo aplicados para as crianças e adultos.

7. Diferença de comportamento da criança

Os pais afirmaram notar diferenças no comportamento das crianças após as aulas de evangelização. Eles exemplificaram que as crianças ficaram mais comunicativas, sensibilizadas em relação ao respeito às pessoas. Além disso, chegaram a cobrar dos amigos e familiares o mesmo comportamento por parte das pessoas próximas.

Cunha (2009) explica que a formação da moral das crianças entre 5 e 6 anos se encontram na etapa do desenvolvimento moral chamado de anomia, em que as mesmas não seguem regras coletivas, a etapa é caracterizada pelo egocentrismo infantil, a criança passa pela etapa gradativamente para a heteronomia em que as regras são transmitidas por pessoas respeitadas, podendo ser os pais, responsáveis ou professores. Mesmo sem compreender a regra a criança irá aceitá-la por uma questão de respeito.

8. Melhoras das crianças na convivência familiar

Foi observada a melhora de comportamento das crianças após começarem a freqüentar as atividades da evangelização por todos os pais. De acordo com os pais, as crianças demonstraram mais tranquilidade no comportamento, mais obediência e sempre esperam que os outros tenham as mesmas atitudes.

Em conformidade com as melhoras apresentadas, autores de diferentes áreas indicam a biblioterapia como processo que possibilita benefícios tais como: melhorar a comunicação, perder a timidez e expor os problemas emocionais (CALDIN (2010). O fato de a biblioterapia ser realizada no contexto de evangelização pode potencializar as atitudes dos participantes. A evangelização, segundo Pires (1985), define-se em duas maneiras: 1.º) como forma de formação de crianças e jovens, uma forma de transmissão dos princípios da doutrina espírita, e portanto, uma função que compete ao lar e às escolas que funcionam nas Federações e nos Centros Espíritas; 2.º) como processo de formação universal das novas gerações para o mundo novo. E complementando a definição acima, Cunha (2009, p. 31) explica que:

[...] a família é responsável pela socialização primária do indivíduo. É neste ambiente que a criança aprende a fazer as escolhas e a definir sua própria vida. [...] o primeiro aprendizado da criança é a imitação. Assim o sendo, a moral depende em grande parte da educação familiar que a criança recebeu e recebe.

7 CONCLUSÃO

O objetivo do estudo foi compreender como a biblioterapia poderia contribuir para as atividades da evangelização espírita, em que as crianças que participaram do programa encontram-se na faixa etária de 5 e 6 anos.

Apesar do programa de evangelização avaliado ter somente três dias, foi possível observar mudanças no comportamento das crianças. A evangelização contribui na vida das crianças participantes, sendo o seu objetivo a formação do ser como cidadão responsável e ciente de seus deveres perante a sociedade. O trabalho envolve conteúdos doutrinários e de valores éticos e morais, assim além da religião o trabalho preocupa-se com os fundamentos morais e acima de tudo o trabalho é realizado com todo amor e carinho, indispensável no tratamento com as crianças.

A biblioterapia vista como instrumento de intervenção, tão usada como incentivo à leitura e também como terapia, permite que o leitor ou ouvinte possa se identificar com as histórias, adaptando os fatos à suas vivências. Os benefícios da prática refletem no relacionamento do ser com outras pessoas e no seu estado emocional.

A aplicação do plano atingiu seu objetivo com êxito, como mostra as análises do projeto e do questionário que no caso, só reforçou as impressões percebidas em sala. A biblioterapia só tem a acrescentar se utilizada nas atividades da evangelização, pois a mesma pode desempenhar papel complementar. É importante destacar que o processo da biblioterapia faz com que o ouvinte se desligue dos problemas e dificuldades pessoais, leva a ficção para sua vida, podendo solucionar problemas, as histórias utilizadas neste servem de exemplo.

No caso do plano aplicado em três encontros com as crianças, as melhoras de comportamento foram notadas não só em sala com o grupo, como também no convívio familiar. A evangelização é um trabalho contínuo e sua eficácia é notável quando se é efetivada nos lares, que é onde a criança passa a maior parte do tempo, e constrói sua moral e princípios junto aos familiares.

A realização deste foi gratificante, primeiramente por poder notar a satisfação das crianças em ouvirem as histórias e participarem das atividades com total entusiasmo e alegria, sabendo que naquele momento estavam de certa forma mais

leves e livres das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia. Em segundo lugar, a importância de relacionar o profissional e o social, podendo contribuir para a vida de terceiros com momentos de prazer e descontração, fazendo uso da leitura como terapia. E não podendo deixar de lembrar como o ensino da biblioteconomia pode ser adaptado e inserido nos trabalhos da evangelização espírita, foi possível perceber que unindo as duas coisas os resultados podem ser mais precisos e eficazes, em se tratando de usar um livro para ajudar as crianças a pensarem nas questões de como tratar o próximo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Cidália et al. **Estudo de caso**. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia, 2008.
- BITTAR, Marisa; FERREIRA JÚNIOR, Amarílio. Infância, catequese e aculturação no Brasil do século 16. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 81, n. 199, p. 452-463, set./dez. 2000.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010. 199 p.
- CATÃO, Francisco. A universalidade da salvação e a evangelização. In: SILVA, Antônio Aparecido da (org.). **América latina: 500 anos de evangelização: reflexões teológico-pastorais**. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 62-81.
- CERQUETANI, Samantha. **Ler para lidar com os males da alma**. Disponível em: <<http://revistavivasaude.uol.com.br/saude-nutricao/106/ler-para-lidar-com-os-males-da-alma-a-246206-1.asp/>>. Acesso em 14 nov. 2014.
- COLOMBO, Dora Alice. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. FEUSP, São Paulo, 2001. 214p.
- COMBLIN, José. Evangelização na atualidade. In: SILVA, Antônio Aparecido da (org.). **América latina: 500 anos de evangelização: reflexões teológico-pastorais**. São Paulo: Paulinas, 1990. p.37-61.
- CUNHA, Talyta Oliveira. **Desenvolvimento moral na criança**. 54 f. (Monografia de Licenciatura em Pedagogia). Anápolis, GO, Universidade Estadual de Goiás, 2009. Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/bibliotecaunucseh/acervo/monografias/graduacao/pedagogia/ano/ano_2009/tccped_desenvolvimento_moral_cunha_2009.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2015
- DOYLE, Arthur Conan. **História do espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1960. 488p.
- FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003.
- FREITAS, Maria Carmelita de. América latina: 500 anos de evangelização. In: SILVA, Antônio Aparecido da (org.). **América latina: 500 anos de evangelização: reflexões teológico-pastorais**. São Paulo: Paulinas, 1990, p.13-36.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. PLAGEDER, 2009.

GONZALES, Aldo Mario. A igreja da conquista e o império incaico. In: SUNG, Jung Mo. **Historia da evangelização na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 14-29.

GUEDES, Mariana Giubertti; FERREIRA, Neília Barros. **A importância da Biblioteca e da Biblioterapia na formação dos internos do Orfanato Lar Rita de Cássia**. 133f. (Monografia de Bacharelado em Ciência da Informação e Documentação). Brasília, Universidade de Brasília, 2008.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico. 124f. (Dissertação de Mestrado em Comunicação e Linguagens). Curitiba, Universidade Tuiuti do Paraná, 2004.

KARDEC, Allan; RIBEIRO, Guillon (trad.). **O evangelho segundo o espiritismo**: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. 119. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002. 435p.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro de. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006.

LUCIA, Reinaldo Di. **Sócrates e Platão**: precursores do espiritismo?. São Paulo, 2001. 15p.

MATTOS, Francine Baumbach. **A aplicação da biblioterapia através da hora do conto com crianças e adolescentes institucionalizados: pesquisa e ação no Lar da Criança Raio de Luz**. 2012. Disponível em: <<http://bdtccs.furg.br:8080/bdtccs-jspui/handle/1/11>>. Acesso em: 02 ago 2014.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996. 341 p.
PIRES, J. Herculano. **Pedagogia Espírita**; Juiz de Fora, J. Herculano Pires, 1985.

RIBEIRO, Guillon. **Quem é o Evangelizador**. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/estudos/dij/quem-e-o-evangelizador/>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

RUIZ, Vilma Darde. A Evangelização Espírita Infanto-juvenil. **A reencarnação**, Rio Grande do Sul, n. 424, Ano XIX, p. 7-9. 2002.

SAUSSE, Henri. Biografia de Allan Kardec. In: KARDEC, Allan. **Evangelho segundo o espiritismo**: com a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações as diversas circunstâncias da vida. 113. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1997. p. 9-48.

SIMÕES, Vera Lucia Blanc. Histórias infantis e aquisição de escrita. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo. v. 14, n. , p. 22-28, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392000000100004>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007. Disponível em: <http://www.polo.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2014.

VIEIRA, Anna da Soledade. Repensando a biblioteconomia. **Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 81-5, jul./dez. 1983.

VIEIRA, Hermes. **Historia das missões**. São Paulo: Ave Maria, 1938. 263 p.

WERDINE, Claudia. **Educação Espírita Inganto-Juvenil e sua importância na formação da sociedade do Terceiro Milênio**. Disponível em: <<http://evangelizacao.searadomestre.com.br/educespinfantojuvenil.doc>> Acesso em: 03 mar. 2015.

YIN, Robert K. **Case study research: Design and methods**. 2. ed. Thousand oaks: Sage, 1994. 171 p.

OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Geyse Maria. **A leitura como tratamento**: diversas aplicações da biblioterapia. Amazonas, 2011.

BLASQUEZ, Antônio. **Cartas sobre o Brasil**: 1556-65. Rio de Janeiro. 1886. 122 p.

BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.7, n. 1, p. 157- 170, 2002.

CARVALHO, Vianna [Espírito]. [Psicografado por] FRANCO, Divaldo Pereira. **Apostila Entrevista com o Espírito Vianna de Carvalho**. Miami: FEB, fev. 2007.

DEPARTAMENTO de Infância e Juventude. Disponível em: <<http://www.dij.febnet.org.br/>>. Acesso em: 20 de fev.de 2015.

FEDERAÇÃO Espírita Brasileira. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. **Revista Antropológica**. 2001, vol. 44, n.1, p. 53-116. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012001000100003>>. Acesso em: 17 set. 2014.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 93 p. (Coleção Primeiros Passos; 74)

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 1996. 105 p.

VASCONCELOS, Laércia Abreu. **Brincando com histórias infantis**: uma contribuição da análise do comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens. Santo André, SP: ESETec, 2008. 196 p.

ANEXO A - Era uma vez o Eu, o Tu e o Ele

Era uma vez o Eu, o Tu e o Ele que moravam na mesma rua, numa pequena cidade.

Cada um deles vivia numa linda casinha, muito confortável, com vista para o mar. Os três tinham uma boa vida, pois nada lhes faltava: tinham boa comida, muitos brinquedos e uma caminha muito fofinha onde todas as noites se aconchegavam e sonhavam lindos sonhos.

Mesmo não tendo nada de mal nas suas vidas, o Eu, o Tu e o Ele sentiam que algo lhes faltava, mas não conseguiam descobrir o quê.

Numa linda manhã de sol, cada um deles saiu da sua casinha para dar um passeio, e coincidiu de se encontrarem, os três, à beira mar. Por um instante, ficaram a olhar uns para os outros espantados, pois nunca se tinham visto antes. Então os três, curiosos em saber quem era cada um deles, começaram a falar todos ao mesmo tempo, perguntando uns aos outros, quem eram, onde viviam e quais eram as suas brincadeiras favoritas.

Depois de muita conversa, gargalhadas e brincadeiras, o Eu, o Tu e o Ele descobriram finalmente aquilo que lhes faltava... Eles precisavam de amigos! Precisavam de outros com quem pudessem partilhar os seus afetos, as suas conversas e brincadeiras.

A partir daí, o Eu, o Tu e o Ele, passaram a ser Nós, um grupo de amigos muito unidos e feliz!

ANEXO B - É o fim do mundo?

A reunião era urgente. O assunto: o enorme calor e a falta de água na Floresta. Representantes de quase todas as espécies de animais estavam presentes naquela tarde, que parecia ser a mais quente do verão.

Iniciando os debates, o Rei Leão foi logo explicando que o calor é uma das consequências do chamado Efeito Estufa, um aquecimento geral na Terra.

- Esse calor imenso é causado pela poluição dos carros e das indústrias, pela destruição das árvores e pela poluição dos rios.

- Dizem que o calor vai aumentar mais ainda - alertou a zebra. Vários animais e plantas podem ser extintos! Mais chuvas, furacões e tempestades vão acontecer! E em outros lugares haverá falta de água para beber e tomar banho!

O burburinho foi geral. Todos falavam ao mesmo tempo. Ninguém se entendia.

Foi quando a mãe girafa gritou em pânico:

- Meu Deus, o que vai ser dos nossos filhos? O mundo vai acabar!

- Se o mundo vai acabar, onde nós vamos reencarnar? - completou aflita a jiboia. Quero continuar evoluindo...

Os bichos falavam sem parar. Alguns cochichavam, outros pareciam muito preocupados.

- Calma pessoal! - disse alto e firme o Rei Leão. Precisamos de ordem para continuar a reunião!

Quando a calma se instalou novamente, a onça perguntou:

- E nós, o que podemos fazer para salvar o planeta?

- Muito bem lembrado, cara amiga - era a Ministra Coruja. Somos responsáveis pelo planeta que vamos deixar para nossos filhos e para nós mesmos, se reencarnarmos novamente aqui. Podemos mudar a realidade, se cada um fizer a sua parte.

- Explique melhor - pediu o Rei Leão.

- Podemos fazer pequenas coisas, que somadas, farão enorme diferença. Por exemplo: separar o lixo seco e o lixo úmido, para que possam ser reaproveitados. Podemos gastar menos papel, evitando a derrubada de muitas árvores.

- Também podemos poupar energia elétrica. E não desperdiçar água - era o sapo dando sua opinião.

- E ir a pé, de ônibus, de carona ou de bicicleta para o trabalho - lembrou a raposa.

E assim foram surgindo ideias para preservar a natureza. Cada bicho se comprometeu a fazer a sua parte a fim de deter o aquecimento do planeta. Naquela tarde, criaram uma comissão e foram até a Grande Fábrica conversar com os diretores para sugerir maneiras de diminuir a poluição. E aproveitaram a ocasião para propor o uso de energia solar, mais econômica e menos poluente.

Um ano depois, houve uma grande festa na Floresta, a FESTA DA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL, onde os bichos comemoraram os resultados obtidos e estipularam novas metas para preservar a natureza. A Festa teve muita alegria e diversão e se repetiu por muitos e muitos anos...

Claudia Schmidt

ANEXO C - Vila Feliz

Era uma vez, alguém que ganhou um livro.

E ao abrir este livro, conheceu um mundo novo. Era como se a janela da sua alma se abrisse para uma nova realidade.

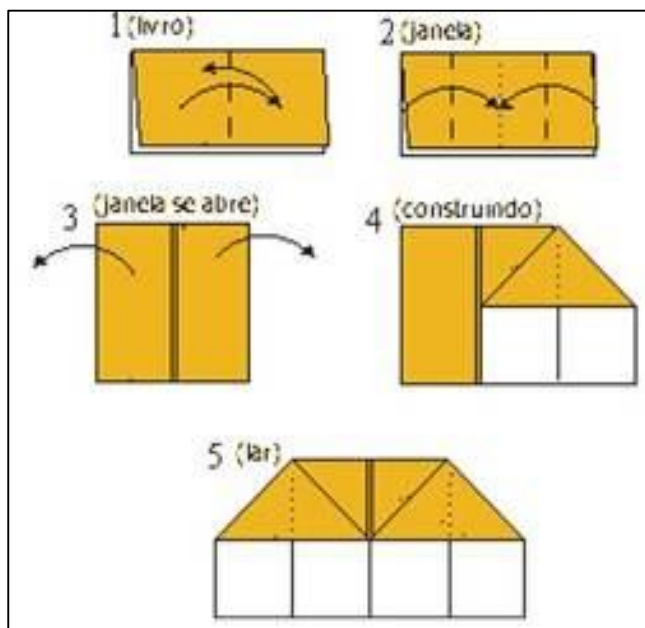
E, então, resolveu sair em busca de tudo o que havia visto naquelas páginas.

De um lugar onde houvesse ao mesmo tempo carinho compartilhado e oportunidades de servir, mas onde se pudessem aprender lições importantes, enriquecendo a inteligência.

Um lugar onde exercitar todos os dias as virtudes que nos conduzem à felicidade e onde a felicidade, mais do que em qualquer outro lugar, tivesse chance de nascer, como o Sol, todos os dias.

Só que ele descobriu que este lugar não existia! Cada criatura é que precisava construí-lo, com seus sonhos, com seus sentimentos, com sua dedicação, com pequenos gestos de atenção. E ao construí-lo... Compreendeu o que ele era. Era o LAR.

Figura 14 - Modelo de dobradura de casa



Fonte: <http://goo.gl/GwRbrg>

ANEXO D - É amor ou não é?

Colocar em uma caixa recortes de papel com as atitudes amorosas que deveremos plantar na Vila. Dizer para as crianças que existem atitudes que são amorosas e outras não e que dentro da caixa existem algumas atitudes e que elas escolherão as que devem fazer parte da Vila.

Cristina sempre gosta de conversar com seus pais, quando chega em casa lhes conta como foi seu dia e pergunta como foi o dia deles.
João sabe que deve cuidar muito bem do livro que pegou emprestado, não deve rasgar, nem riscar e depois de lê-lo, devolver dizendo: - Muito obrigado!
Pedro gosta de ir à escola e prestar atenção nas aulas. Ele acredita que isto é muito importante para a sua vida quando adulto.
Tiago assistia a TV quando virou um copo de suco no sofá. Ele disse a mãe: Desculpe mãe, eu derramei o suco no sofá, mas foi sem querer, vou limpar tudinho.
Jader é um menino bem-educado, sempre diz, por favor, quando pede algo a alguém. E ele também sabe que quando pede um favor e alguém lhe atende ele deve agradecer (muito obrigado/a).
Pedro e João são colegas de Escola e ambos gostam muito de ler. Por isso, sempre que um deles ganha um livro novo, depois de ler o livro, ele empresta para o colega.
Lucas sempre beija e abraça sua mãe quando chega em casa e diz: mãe, eu te amo muito.
Na sala de Clara, os alunos respeitam os professores. Sempre fazem silêncio quando é pedido e participam da aula com educação. Assim todos aprendem mais rápido e mais fácil.
Luana tem 10 anos e um irmão de três anos que mexe em tudo, inclusive nas suas coisas. Ela fica chateada, mas tem paciência com seu irmãozinho e explica com carinho que ele não pode pegar nas suas coisas.
Toda vez que Osvaldo vê flores em jardins faz questão de pular em cima para matá-las. Esta é a sua diversão.
Lucas nunca gostava de tomar banho e por isto seu cheiro começou a afetar a todos que chegavam perto dele.
Joana e Paula são amigas. Um dia, Paula caiu na rua e Joana junto com outros

garotos da rua, ao invés de ajudá-la começou a rir dela.
Mário saiu com a mãe para o parque de diversões. Ele decidiu que queria apesar de estar gripado e sua mãe não permitiu. O menino se emburrou e deixou de falar com a mãe.
Tânia e a sua mãe separaram alguns brinquedos para doação que Tânia não brincava mais. Porém, depois a menina desistiu dizendo que preferia que ficassem no guarda-roupa, pois gostava muito deles, mesmo que não os usasse mais.
Leandro só anda com seu estilingue no bolso e sempre que vê um passarinho tenha matá-lo com esta arma.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Nome do aluno: _____

1. Você frequenta o Centro Espírita Campos da Paz?

() SIM

() NÃO

2. Participa de alguma atividade no CECAP? Qual?

3. Você já observou alguma dificuldade da criança em se relacionar com outras crianças?

() SIM

() NÃO

4. A criança tinha ou tem problemas de comportamento? Quais?

5. O que motivou que fizesse a matrícula da criança na Evangelização?

6. A criança já fez algum comentário em casa das atividades da Evangelização? Qual?

7. Notou alguma diferença de comportamento da criança? Quais?

8. A criança apresentou melhoras na convivência familiar? Quais?

9. A criança propôs em casa a realização da atividade passada na evangelização? Descreva abaixo como ocorreu o momento da atividade:
